

Canudos como a Vendéia brasileira? Ou os embates da consciência revolucionária republicana nas “leituras” euclidianas de Hugo e dos sertões baianos

*Canudos, the Brazilian Vendée? The clashes of the republican
revolutionary conscience in the Euclides da Cunha's “readings” of
Hugo and of the Bahia hinterland*

*Robert Daibert Junior**

Resumo

No presente artigo procuro analisar, nos escritos de Euclides da Cunha, a mudança de perspectiva do autor em relação ao caráter monárquico-conspiratório do movimento de Canudos, a partir de sua leitura do *Quatre Vingt Treize* de Victor Hugo bem como de sua viagem ao interior da Bahia como enviado do Jornal *O Estado de São Paulo*. Para tanto, utilizo como fontes alguns artigos escritos para o referido periódico, seu diário de expedição, cartas pessoais e a obra *Os Sertões*.

Palavras-chave: Euclides da Cunha, Canudos, Os Sertões, Victor-Hugo, Vendéia, *Quatre Vingt Treize*, consciência revolucionária. –

A proclamação da República em 1889, ao coincidir com o centenário da Revolução Francesa, veio reforçar este já propalado referencial entre os republicanos militantes brasileiros. Estes, em seus clubes e encontros, antes mesmo da queda da monarquia, valiam-se dos símbolos franceses como elementos que fomentavam a propagação de seu ideal de um novo sistema político para o Brasil. Não tinham, por exemplo, um

* Mestre em História pela UNICAMP. Doutorando em História pela UFRI.

hino próprio e cantavam a marsehesa como fonte de inspiração. (CARVALHO, 1990, p.122)

No Brasil, em 14 de julho de 1889 (dia da comemoração da queda da Bastilha) e meses antes da queda da monarquia, o partido republicano do Rio de Janeiro, organizou uma grande manifestação pública em forma de cortejo. Percorrendo as principais ruas da capital do Império, levavam estandartes entre os quais destacava-se uma grande bandeira desfraldada, onde se lia: 'Homenagem à França'. (ORICO, 1977, p. 199)

Era, portanto corrente, na sociedade brasileira da época, a comparação com o processo francês de extinção da monarquia. Os ideais franceses alimentavam as expectativas dos republicanos brasileiros que sonhavam em implantar um novo regime político no país. Mesmo depois da Proclamação da República, a Revolução Francesa, bem como seus desdobramentos, serviram como modelo de inspiração. ¹

No caso de Euclides da Cunha, o paralelo traçado entre os dois momentos pode ser melhor observado a partir de sua leitura de Victor Hugo, a quem intitulava "mestre" (LEÃO, 1960, p.180). E em especial de sua apreciação da obra *Quatre-vingt treize*. ²

Em artigos publicados no jornal *O Estado de São Paulo*, em 14 de março e 17 de julho de 1897, Euclides chama atenção para o grande perigo que ameaça o país. Canudos seria para a República o que a Vendéia foi para a Revolução Francesa: um foco monarquista contrarrevolucionário que ameaçou a instauração de uma nova ordem. Alarmado, afirma que em Canudos

Como na Vendéia, o fanatismo religioso que domina as suas almas ingênuas e simples é habilmente aproveitado pelos propagandistas do império. A mesma coragem bárbara e singular e o mesmo terreno impraticável aliam-se, completam-se. (EUCLIDES DA CUNHA, 1897 a)

A comparação dos dois movimentos, embora distantes por pouco mais de cem anos, serve como um parâmetro para que Euclides compreenda Canudos naquele momento, e ainda construa uma perspectiva futura para o mesmo. Ou seja, a Vendéia francesa aparece, inicialmente, para o então jornalista, como um modelo que serve teleologicamente para a previsão do desfecho final de Canudos. Enfatiza que *"Este paralelo será, porém, levado às últimas conseqüências. A República sairá triunfante desta última prova.."* (EUCLIDES DA CUNHA, 1897 b) Acredita que o movimento será em breve controlado e justifica a derrota anterior por um erro de estratégia militar. Corrigido o problema, a vitória será certa. Em carta datada de 14 de março de 1897, ao amigo João Luís, a quem

denomina irmão de crença, Euclides vê em Canudos *“um meio eficaz para ser provada a fé republicana.”* (EUCLIDES DA CUNHA, 1897 c) Nas palavras de Euclides, o movimento ganha forte teor político e repercussão por meio da imprensa escrita, importante veículo de comunicação. Havia mesmo um público constituído por espectadores que eram informados pelo fervor dos acontecimentos que ganhavam importância e grande repercussão através da imprensa.

N’Os Sertões, entretanto, esta percepção não se mantém intacta. A compreensão que o autor sustentava em relação ao caráter monárquico do movimento de Canudos sofre uma mudança considerável. Ao refletir sobre este aspecto, Euclides afirma que

o jagunço é tão inapto para apreender a forma republicana como a monárquico-constitucional. Ambas lhe são abstrações inacessíveis. É espontaneamente adversário de ambas. Está na fase evolutiva em que só é concebível o império de um chefe sacerdotal ou guerreiro. (EUCLIDES DA CUNHA, 2000, p. 170)

A mudança de perspectiva parece se dar em relação ao caráter conspiratório do movimento. Mas, poderemos encontrar uma oposição sistemática entre a postura sustentada por Euclides, em relação a este aspecto, antes e depois de sua viagem à Canudos? Teria ocorrido um abandono completo da referida obra de Victor Hugo?

Tal mudança de perspectiva é perceptível se compararmos os textos anteriores à viagem à Bahia com a opinião expressa N’ Os Sertões. Interessa-nos, portanto, desvendar a trajetória rumo a esta mudança. E ainda, verificar até que ponto a presença de Victor Hugo enquadra-se enquanto inspiração para a escrita d’Os Sertões.

Mesmo antes de viajar como enviado d’O Estado de São Paulo, na mesma carta datada do dia 14 de março de 1897, Euclides atribui ao governo republicano a responsabilidade pela continuidade do movimento. Dirigindo-se ainda ao seu amigo João Luís afirma que *“O nosso belo ideal político - estes fatos o dizem eloqüentemente - continua assim sacrificado pelos políticos tontos e egoístas que nos governam.”* (EUCLIDES DA CUNHA, 1897 c) Os ideais republicanos de Euclides parecem ainda estar à flor da pele, quando as vésperas da expedição ele afirma naquela correspondência: *“ Não quero referir-me a assuntos políticos: não te quero assombrar com a minha tristeza imensa e amarga ironia com que encaro aos maltre-chanteurs que nos governam. Felizmente a República é imortal! Resistirá quand mêmê, a despeito de tudo.”* (EUCLIDES DA CUNHA, 1897 c)

Apesar de nutrir uma visão crítica do regime republicano, preocupava-lhe a possibilidade de restauração monárquica. A imprensa, sobre-

tudo no caso de Canudos, contribuiu para a monumentalização da guerra, noticiando intensamente os eventos que ganhavam grande repercussão e chagavam a atingir inclusive o noticiário internacional. A associação do movimento a uma tentativa de restauração monárquica era reforçada com a divulgação de manifestos como este:

Creio no Sr. D. Pedro segundo, ex-imperador e defensor perpétuo do Brasil, criador da constituição monárquica do Império, do Exército e da Armada que o depuseram; creio na Princesa D. Isabel que é sua filha e legítima herdeira da Coroa, que casou-se com o Sr. Conde d'Eu, que nasceu no Rio de Janeiro e foi dali banida com seu velho pai, padecendo este e todos os seus sob o poder da malvada República, representada pelo governo provisório de Deodoro da Fonseca; que o velho monarca morreu apaixonado na Europa, onde foi sepultado por ser obrigado a abandonar o Brasil e seus caros filhos, descendo o país ao pântano da miséria, donde ressurgirá em breve com a restauração da Monarquia, subindo ao trono a aludida princesa, onde permanecerá assentada à mão direita de seu marido, que se tornará poderoso e donde há de vir a julgar todas as obras daqueles hereges e conspiradores republicanos que tanto concorreram para a perdição do país; creio na coragem e na fidelidade dos meus jagunços, na sua ressurreição, na vitória alcançada por João Abade e Macambira, na restauração da Monarquia e na vida eterna dos meus sonhos. Amém." (GALVÃO, 1974, p.47)

O texto, publicado por um autor anônimo no Diário de Notícias da Bahia, representa o momento onde o temor de uma conspiração monarquista atingia seu auge. Artigos como este reforçavam a necessidade de se combater os possíveis conspiradores. Euclides deparava-se, de um lado, com uma insurreição que, a seu ver, assolava o país, de outro percebia um governo incapaz de combater os insubordinados. Há uma missão a ser cumprida. Como um guerreiro, dirige-se à batalha. Tem consigo mesmo o compromisso de levar a civilização até a barbárie. Em suas reportagens, defende a superioridade dos ideais republicanos diante das questões pessoais. Em 7 de agosto de 1897, ainda à bordo do Espírito Santo, escreve que a

imensa e indefinível saudade dos entes queridos ausentes, desce, às vezes, profunda, dolorosíssima e esmagadora sobre os corações (...) Ao mesmo tempo, porém, como um antídoto enérgico, um reagente infalível, alevanta-se, ao Norte, o nosso grande ideal - a República - profundamente consolador e forte, amparando vigorosamente os que cedem às mágoas, impelindo-os à linha reta nobilitadora do dever. (...) Em breve

pisaremos o solo onde a República vai dar com segurança o último embate aos que a perturbam. (...) Que a nossa Vendéia se embuce num largo manto tenebroso de nuvens, avultando além como a sombra de uma emboscada entre os deslumbramentos do grande dia tropical que nos alenta. Rompê-lo-á, breve, a fulguração da metralha, de envolta num cintilar vivíssimo de espadas... A República é imortal! (EUCLIDES DA CUNHA, 1967)

Naquele momento, na visão de Euclides, os perturbadores do novo regime precisavam ser exterminados a todo custo. Vindo de uma enchente de notícias divulgadas, das quais ele mesmo constituíra-se autor, Euclides encontrava-se entusiasmado e disposto a combater os males que afligiam o novo regime. As saudades seriam superadas quando o dever fosse cumprido. O sacrifício pelo ideal era visto como mais importante do que as questões pessoais. Era a luta do bem contra o mal, visão dicotômica que também aparece como motivação para a guerra da Vendéia. É curioso perceber a proximidade de tal compreensão, nas palavras de Victor Hugo, que emite o seguinte juízo sobre o movimento francês: *“as idéias gerais odiadas pelas idéias parciais, eis aí a síntese da luta pelo progresso. Terra natal, Pátria, palavras que resumem toda a guerra da Vendéia; luta da idéia local contra a idéia universal: camponeses contra patriotas.”* (VICTOR HUGO, sd., p. 102) ³

Os literatos e os líderes políticos do final do oitocentos observavam atentamente o potencial crítico da “força das ruas”, uma vez que acompanhavam os efeitos dos conflitos e revoluções nas quais grandes parcelas da população eram chamadas à participação política e à luta pelos direitos sociais. (FALCÃO, 1994, p. 157-158.) Os intelectuais sentiam-se impelidos à manifestarem sua posição diante de tamanhas transformações pelas quais passavam os diversos países e que, potencialmente, poderiam desenrolar-se em seus territórios. Muitos, como Euclides da Cunha, pareciam ansiar ardentemente por mudanças sociais advindas da implementação de seus ideais.

Mas o contato com a poeira do sertão parece ter abalado algumas certezas de nosso autor. Ao chegar à Bahia, no dia 6 de agosto envia um telegrama à redação d'O Estado de São Paulo onde expressa uma importante impressão inicial: *“Chegamos bem. Fomos recebidos pelo governador e pelo funcionalismo civil e militar. Observo que nesta cidade há muito menos curiosidade sobre os negócios de Canudos do que aí e no Rio de Janeiro.”* (EUCLIDES DA CUNHA, 1939, p. 127) Ao que parece, Euclides começava a se dar conta de que o acontecimento era sustentado menos pelas movimentações de Canudos do que pelo fervilhar das notícias na Rua do Ouvidor. E neste sentido, crescia sua responsabilidade enquanto propagador da guerra. Por outro lado, seu arcabouço

intelectual parece não mais ser suficiente nem para a apreensão dos aspectos físicos. Em tom desiludido declara: *"nunca reconheci tanto a inutilidade das maravilhas teóricas com as quais nos iludimos nos tempos acadêmicos."* (Idem, p. 60) Ao chegar à Bahia em 16 de Agosto, diz ter sido

assaltado logo por impressões novas e variadas, perturbadoras de um juízo seguro, acredito, às vezes, que avalei imperfeitamente a situação e dominado talvez pela opinião geral entre os que voltavam de Canudos disse também com eles: Está quase terminada a luta e não fará mais vítimas. (Idem, p. 27)

As avaliações prévias estabelecida por Euclides parecem sofrer grande impacto. Confrontado por informações divergentes, precisa apresentar uma versão coerente que dê suporte à construção do acontecimento a ser narrado. As dificuldades, no entanto, parecem ser muitas, levando-o a desabafar em um telegrama enviado à redação d'O Estado de São Paulo em 16 de Agosto:

Continuam as notícias discordantes e os boatos desencontrados sobre a situação, afirmando uns a próxima rendição do arraial dos jagunços, garantindo outros tenaz resistência por parte dos mesmos, declarando outros, ainda, que os fanáticos estão se reunindo fora, noutros pontos. A divergência de opiniões existe mesmo entre os que tomaram parte na luta, os quais nos afirmam, entretanto, o seu próximo termo. É difficilimo formar uma idéia de tudo isso, quando os próprios protagonista divergem e variam as impressões que trazem. (Idem, p. 136)

Euclides parece passar por um período de extrema instabilidade. Sua escrita aproxima-se de um tom mais poético. Mergulhado em uma profunda meditação afirma:

Escritas estas notas, não sei se poderei dormir. Felizmente um céu fulgurante e amplo é o dossel do meu leito rude de soldado - um selim, uma manta e um capote. Orion fulgura prodigiosamente belo a pequena altura sobre o horizonte, e eu irei afugentar as saudades profundas evocando noções quase apagadas de astronomia, percorrendo numa romaria olímpica os céus - perdido, entre as estrelas... (Idem, p. 70)

Com essas palavras Euclides encerra, em seu diário, a narrativa do dia 4 de setembro de 1897. Acampado em Tanquinho (Bahia), traduz sua insatisfação e desconforto diante de uma paisagem monótona e triste. *"Vou riscar da minha carta o pequeno círculo com que condecorei*

este lugar maldito e substituí-lo por um ponto imperceptível." (Idem, p. 71) E afirma ainda: *"Não se pode avaliar, de longe, o que é uma viagem nestas regiões estéreis."* (Idem, p. 72)

Dirigindo-se para a região de combate, Euclides apresenta-se extremamente reflexivo. Parece obrigado a confrontar os aspectos científicos, dos quais havia se munido há muito, com a experiência desnorteadora do contato com o sertão. Contrasta suas noções de astronomia com o inesquecível céu estrelado da tão combatida barbárie. A convicção de um republicano combativo padecia agora de um referencial mais sólido e consistente. Tínhamos algo mais complexo do que uma simples conspiração monarquista. A analogia à Vendéia francesa não sobreviveria intacta ao mais ínfimo exame circunstancial. As perspectivas anteriores eram sufocadas por uma crescente frustração. À caminho da guerra, Euclides parecia traçar o balanço de sua atuação como construtor do inimigo a ser atacado. A mudança de perspectiva não se deu somente no momento da escrita de *Os Sertões*, anos mais tarde. Antes, já são perceptíveis em suas reportagens como enviado especial do jornal *O Estado de São Paulo*, registros que destoam das posições demarcadas anteriormente. Ao invés de um combate irrestrito às hordas de Antônio Conselheiro, apregoa que

a nossa vitória, amanhã, não deve ter exclusivamente um caráter destruidor. Depois da nossa vitória, inevitável e próxima, resta-nos o dever de incorporar à civilização estes rudes patrícios que - digamos com segurança - constituem o cerne da nossa nacionalidade. (Idem, p. 57)

O desenrolar desta reflexão parece conter o embrião da mea-culpa, declarada já no prefácio d'*Os Sertões*, onde Euclides inclui-se entre aqueles que tiveram *"na ação, um papel singular de mercenários inconscientes."* (EUCLIDES DA CUNHA, 2000, p. 2) Seu republicanismo já não era o mesmo revolucionário que na juventude o impelira a se rebelar em um desfile da Escola Militar da Praia Vermelha, tentando quebrar aos seus pés a espada, em sinal de protesto contra o regime monárquico. Ao publicar *Os Sertões*, protesta através das palavras, contra os equívocos da ordem agora estabelecida, pela qual ele mesmo havia combatido. Denuncia as barbaridades cometidas pela civilização:

Vivendo quatrocentos anos no litoral vastíssimo, em que palejam reflexos da vida civilizada, tivemos de improviso, como herança inesperada, a República. Ascendemos, de chofre, arrebatados na caudal dos ideais modernos, deixando na penumbra secular em que jazem, no âmago do país, um terço da nossa gente. Iludidos por uma civilização de empréstimo; respigando, em faina cega de copistas, tudo o que

de melhor existe nos códigos orgânicos de outras nações, tornamos, revolucionariamente, fugindo ao transigir mais ligeiro com as exigências da nossa própria nacionalidade, mais fundo o contraste entre o nosso modo de viver e o daqueles rudes patrícios mais estrangeiros nesta terra do que os imigrantes da Europa. (...)E quando pela nossa imprevidência inegável deixamos que entre eles se formasse um núcleo de maníacos, não vimos o traço superior do acontecimento. Abreviamos o espírito ao conceito estreito de uma preocupação partidária. Tivemos um espanto comprometedor ante aquelas aberrações monstruosas; e, com arrojo digno de melhores causas, batemo-los a carga de baionetas, reeditando por nossa vez o passado, numa "entrada" inglória, reabrindo nas paragens infelizes as trilhas apagadas das bandeiras..." (EUCLIDES DA CUNHA, 2000, p. 170)

Em sua auto-crítica, Euclides da Cunha acaba comprometendo, parcialmente, sua analogia feita em relação à Vendéia francesa. Mas, como veremos adiante a leitura de Victor Hugo acerca do movimento francês parece fornecer elementos para que Euclides resignifique nossa Vendéia. Em suas palavras, Canudos aparece não mais como expressão da sobrevivência de um sentimento monarquista no meio rural, como no movimento francês. Não mais como um resquício de nosso atraso, passível de ser extirpado por um genuíno comprometimento com os ideais revolucionários de uma autêntica consciência republicana.

Em uma mudança de perspectiva, passa a compreender Canudos como o resultado de uma conduta revolucionária pautada arbitrariamente em ideais estrangeiros e conceitos absorvidos em outras nações, em detrimento de uma auto-reflexão e conhecimento das nuances de nossa própria nacionalidade. O reconhecimento do exagero em atribuir ao movimento um caráter conspiratório e restaurador pode ser observado na crítica empreendida por Euclides a um tal Frei Marciano, que atribuía um caráter monarquista ao movimento. Cita o argumento do frei, que curiosamente, remete-se ao exemplo francês, ao afirmar que *"a França, que é uma das principais nações da Europa, foi monarquia por muitos séculos, mas há mais de vinte anos é República; e todo o povo, sem exceção dos monarquistas de lá, obedece às autoridades e às leis do governo."* (EUCLIDES DA CUNHA, 2000, p. 175). Ao reproduzir tal juízo expresso pelo frei, Euclides aproveita para criticar aquela visão que ele mesmo sustentava anteriormente na imprensa. Parece projetar seu antigo juízo sobre o religioso. Após reproduzir a opinião do frei, afirma que o mesmo,

nesse remoer nulíssimas considerações políticas, insciente da significação real da desordem sertaneja, diz por si mesmo as causas do insucesso. Desdobrou,

afinal, inteira, a estatura anômala de propagandista, faltando apenas ter sob as dobras do hábito a escopeta do cura de Santa Cruz: 'Nós, mesmo aqui no Brasil, a principiar do bispo até o último católico, reconhecemos o governo atual; somente vós não vós quereis sujeitar? É mau pensar esse, e uma doutrina errada a vossa!' A frase final vibrou como uma apóstrofe. De dentro da multidão partiu pronta, a réplica arrogante: 'V.Rev.ma é que tem uma falsa doutrina e não o nosso Conselheiro!' No quarto dia da missão, porém, reincidindo o capuchinho no descabido tema político pioraram as coisas. Começou intensa propaganda contra a pregação do padre maçom protestante e republicano 'emissário do governo e que de inteligência com este ia abrir caminho à tropa que viria de surpresa prender o Conselheiro e exterminar todos eles.' (EUCLIDES DA CUNHA, 2000, p. 175-176).

Euclides, portador de uma missão quase sagrada, também havia se frustrado com a ineficácia da interpretação monarquista do movimento. Era um profeta da civilização, com a missão de noticiar os eventos de uma guerra sangrenta. Mas não queria ser considerado um emissário do governo. Precisava sim, denunciar os crimes e assaltos da civilização.

Entretanto, seus ideais, não haviam sido sufocados. Antes, afloraram após a experiência no sertão. Apesar da constatação de que o movimento não era de cunho monarquista e muito menos recebia apoio de seus propagandistas, não abandona o referencial da Revolução Francesa. A missão do exército republicano continua sendo informada pelos marcos franceses. Em 14 de julho, a tomada da Bastilha era comemorada pelo exército.

O dia era propício: uma data de festa nacional. Logo pela manhã uma salva de 21 tiros de bala a comemorara. Os matutos brancos foram varridos cedo – surpreendidos, saltando estonteadamente das redes e dos catres miseráveis – porque havia pouco mais de cem anos um grupo de sonhadores falara nos direitos do homem e se debatera pela utopia maravilhosa da fraternidade humana... (EUCLIDES DA CUNHA, 2000, p. 375)

A data, marco da Revolução Francesa, é apresentada como o referente de atuação dos soldados.

Se a comparação de Canudos com a Vendéia não sobreviveu intacta enquanto interpretação do movimento, o *Quatre Vingt treize* de Hugo proporcionou a Euclides um caminho de expressar as contradições e embates de sua consciência revolucionária. A leitura do escritor francês parece ainda tê-lo ajudado a romper com a visão dicotômica que atribuía à República, de maneira irrestrita, as glórias da civilização, enquanto

à monarquia era atribuída a responsabilidade pelo atraso de uma população desorientada, envolta no barbárie. A ruptura desta perspectiva se deu em favor de uma visão crítica da atuação republicana e da violência cometida contra uma população de inocentes.

Como na Vendéia, a República saíra vencedora em Canudos. Diante deste fato, Euclides, parecia repetir a pergunta feita por Hugo que no *Quatre Vingt treize* indagara “*Que República, porém? Na vitória que se esboçava, duas formas de República se defrontavam: a República do terror e a República da clemência*” (Victor Hugo, sd., p. 161). Na escrita d’*Os Sertões*, Euclides parecia apostar na clemência, ao denunciar o violento ataque. De acordo com Victor Hugo,

uma queria impor-se pelo terror, outra pela brandura.(...) As duas formas estavam representadas por dois homens. (...) Pairavam em nuvens diferentes, ambos combatendo a rebelião (...) eram diametralmente opostos e ao mesmo tempo unidos de modo estreito. Os dois antagonistas eram dois amigos (...) um era o princípio terrível e o outro o princípio pacífico e queriam-se bem. (Idem, p. 162).

Hugo refere-se a Cimourdain (princípio do terror) e a Gauvain (princípio pacífico). “*Havia amizade entre os dois, mas ódio entre os dois princípios*” (Idem, p. 163). Em momentos distintos, Euclides assemelha-se a esses dois revolucionários. Ao escrever n’*O Estado de São Paulo*, o princípio do terror parece dominar Euclides como a Cimourdain. Posteriormente, na escrita d’*Os Sertões*, quando defende a incorporação dos sertanejos à nacionalidade, aproxima-se de Gauvain. Nesta mudança de perspectiva, o autor parece incorporar o diálogo conflituoso dos dois amigos.

E Gauvain prosseguiu:

- Este ano de 93 que estamos vivendo será sangrento.

- *Cuidado, exclamou Cimourdain. Há deveres terríveis. Não acuse o que não é imputável. Desde quando o médico tem culpa da moléstia? (...) A revolução entrega-se a sua obra inexorável. Mutila, mas salva. (...) A revolução está amputando o mundo. Daí essa hemorragia, 93.*

- O cirurgião é calmo, disse Gauvain, e os homens que vejo são violentos.

- A revolução, replicou Cimourdain, quer que a ajudem operários ferozes. Repele toda mão trêmula. Acredita apenas nos implacáveis. Danton, (...) Robespierre,

(...) Saint-Just, (...) Marrat, (...) Para nós valem exércitos. Aterrorizarão a Europa.

- E até o futuro talvez, disse Gauvain. (...)

- Um dia a revolução justificará o terror.

- Trema que o terror não constitua a calúnia da revolução. (...) Sejam, durante o combate, inimigos de nossos inimigos, e, depois da vitória, irmãos. (Victor Hugo, pp. 167-169)

N'Os Sertões, Euclides parece incorporar contraditoriamente este diálogo. Embora no prefácio tome como inevitável a extinção dos jagunços pelo avanço da civilização no sertão, impelida pela implacável força motriz da História, tende, entretanto, mais para Gauvain do que para *Cimourdain*. Assim, como Gauvain, Euclides sonda a própria consciência que lhe acusava de ser participante de um grande fratricídio. Segundo Victor Hugo, o desafio de Gauvain era na

presença de todas as escancaradas goelas da guerra civil, dar testemunho de humanidade. No conflito das verdades inferiores, anunciar a verdade superior! Testemunhar que acima das realezas, acima das revoluções, acima das questões terrestres, existe a imensa ternura da alma humana, a proteção que os fortes devem aos fracos, a salvação que aos perdidos devem aos que se salvaram, a paternidade que todos os anciãos devem a todas as crianças. (Idem, p. 388)

Assim, como em Euclides, o evolucionismo não é abandonado, mas recebe crítica em nome de um ideal mais humanitário. O caráter fratricida da Vendéia é acentuado em Gauvain quando se vê responsável pelo futuro de seu tio-avô, o Marquês de Lantenac, cérebro da Vendéia, preso pelos revolucionários e condenado à morte. Diante do impasse, e após uma profunda crise de consciência, Gauvain liberta seu parente. Este, preso por preferir salvar três crianças de um incêndio à fugir de seus opressores, merece a liberdade. Sacrificou seus ideais em nome de um princípio humanitário superior. Gauvain, seguindo o mesmo princípio, é então condenado à guilhotina pelo próprio amigo Cimourdain, que simultaneamente se suicida. O princípio do terror, apesar de vitorioso, condena a si próprio, pedindo clemência. O mesmo acontece paradoxalmente n'Os Sertões. Euclides, defendendo o princípio da clemência, condena o princípio do terror. Mas, incluindo-se como réu em seu julgamento, condena a si mesmo e a sua consciência. E como no *Quatre Vingt Treize*, "as duas almas, trágicas irmãs, voaram junto, a sombra de uma envolta na luz da outra" (Idem p. 448)

Considerações Finais

Ao longo do século XIX a historiografia e o romance passaram por um distanciamento que se consubstanciou em uma cisão entre verdade e ficção. Enquanto a historiografia dominante, com pretensões de objetividade, voltou-se para a "apreensão do real", o romance dedicou-se ao terreno da subjetividade e da imaginação. Mas tal distanciamento não foi tão abrupto a ponto de se demarcar facilmente suas linhas divisórias. (DECCA, 1997, p. 198)

Nas últimas décadas, no entanto, vários estudiosos têm buscado reafirmar a importância do discurso literário para a formulação de análises históricas. Importantes vertentes da História Cultural e da Teoria Literária alertam-nos para o fato de que os textos, as estruturas narrativas e a linguagem têm papel importantíssimo na criação e descrição histórica. (KRAMER, 1992, p.131) Os relatos históricos estão intrinsecamente carregados de uma dimensão imaginária, com suas convenções retóricas que prefiguram, por meio de estruturas narrativas, nossa compreensão da realidade.

Neste sentido, a obra de Euclides, situada nas nuances da fronteira entre História e Literatura constitui-se um espaço privilegiado para o estudo de nossa sociedade. Ao voltar-se para esta perspectiva de análise, os historiadores estarão abrindo uma oportunidade frutífera para estudos históricos diversos, afastando-se de um aprisionamento teórico empobrecedor e esterilizante, ao qual por muito tempo estiveram arraigados. Que os embates da consciência revolucionária de Euclides nos sirvam de lição.

Abstract

In the present article I try to analyze, in the writings of Euclides da Cunha, the change in the author's perspective about the monarchist-conspiratory character of the Canudos movement based on his reading of Victor Hugo's *Quatre-vingt-treize*, as well on his trip to the Bahia hinterland as a correspondent for the newspaper *O Estado de São Paulo*. In order to accomplish this, I use sources such as articles written for the above mentioned newspaper, his expedition journal, personal letters and the book *Os Sertões*.

Key words: Euclides da Cunha, Canudos, Os Sertões, Victor-Hugo, Vendée, *Quatre-vingt-treize*, revolutionary conscience

Referências Bibliográficas

CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CUNHA, Euclides Rodrigues Pimenta. *A nossa vendéia*. O Estado de São Paulo, 14 de março de 1897. In: GALVÃO, Walnice Nogueira. (org.) *Euclides da Cunha*. São Paulo: Ática, 1984.

_____. *Canudos e inéditos*. São Paulo, Melhoramentos, 1967.

_____. Canudos: Diário de um expedição. Coleção Documentos Brasileiros, n. 16. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.

_____. Os Sertões: campanha de Canudos. 39 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Publifolha, 2000.

_____. Carta ao amigo João Luís. 14 de março de 1897. In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALOTTI, Oswaldo. Correspondência de Euclides da Cunha. São Paulo: EDUSP, 1997.

DECCA, Edgar de. O que é romance histórico? Ou, devolvo a bola pra você Hayden White. In: AGUIAR, Flávio. et alli (orgs.) Gêneros de Fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário. São Paulo: Xamã, 1997.

FALCÃO, Luiz Felipe. O público e a República. Revista Anos 90. Porto Alegre, n. 2., maio, 1994.

GALVÃO, Walnice Nogueira. No calor da hora: a guerra de Canudos nos jornais. São Paulo: Ática, 1974.

HUGO, Victor. Obras Completas. Vol XII. Noventa e três. Tradução de Oscar Paes Leme. São Paulo: Editora das Américas, s.d.

KRAMER, Lloyd S. Literatura, Crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick La Capra. In: HUNT, Lynn (org.) A nova História Cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LEÃO, A. Carneiro. Victor Hugo no Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

ORICO, Oswaldo. O tigre da abolição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

Notas

¹ Não se pode falar, de fato, na existência de um único modelo francês de inspiração para a República. Além de algumas derivações do modelo norte-americano, os países da América Latina apropriavam-se de elementos da Primeira e da Terceira Repúblicas Francesas e empreendiam adaptações em função de interesses específicos. A este respeito ver: CARVALHO, José Murilo de. A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 17-22.

² Neste livro, Victor Hugo narra o massacre do movimento contra-revolucionário, de caráter monarquista, ocorrido em 1793 em uma região rural da França denominada Vendéia. O movimento, empreendido por camponeses defensores da manutenção do Antigo Regime monárquico foi violentamente reprimido pelos revolucionários republicanos franceses que viam nos camponeses uma ameaça potencial à implantação do novo sistema.

³ Este e outros trechos citados ao longo deste artigo foram extraídos de Victor Hugo. Obras Completas. Vol XIII. Noventa e três. Tradução de Oscar Paes Leme. São Paulo: Editora das Américas, s.d.